



CRIATIVIDADE LEXICAL EM LÍNGUA PORTUGUESA NA REDE SOCIAL DIGITAL *FACEBOOK*: uma nova forma de significação

José Ignacio Ribeiro Marinho³
Lenise Ribeiro Dutra²
Marco Antônio Pereira Coelho³

RESUMO: Neste artigo pretende-se abordar o recurso da criatividade lexical, em língua portuguesa, observando as ocorrências na rede social digital *facebook*. Ainda, tem por objetivo definir neologia e neologismo e verificar a exploração do campo lexical e da criação neológica como peça importante nas atividades comunicativas na rede social digital; diferenciar os conceitos de rede social e rede social digital, para, ao final, após coleta de dados, analisar a produtividade lexical presente nesta ferramenta de comunicação.

Palavras-chave: Neologismo. Redes. Aprendizagem.

Introdução

Este artigo científico aborda a criatividade lexical em língua portuguesa na rede social digital *facebook*. Inicialmente, trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e que, posteriormente, adentra-se na observação do fenômeno na rede social digital *facebook*. Tem como questão problema a difusão das redes sociais digitais para a expansão linguística por meio da criatividade lexical.

A opção pelo tema deve-se ao fato de a língua ser um veículo de comunicação sem precedentes. Além disso, para satisfazerem as exigências do discurso, os usuários da língua, muitas vezes, lançam mão de recursos que dão caráter inovador ao ato comunicativo, por exemplo, os neologismos. O trabalho divide-se em três seções. A primeira seção visa apontar a origem do fenômeno da neologia e do neologismo e defini-los sob a ótica dos autores selecionados para fundamentação ao *corpus* escolhido. A segunda parte toma conta da definição e distinção entre rede

¹ Graduando do Curso de Letras (Português/Literatura) do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFESJ), em Itaperuna/RJ. E-mail: josebrenatti@hotmail.com.

² Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna, Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna – Orientadora. E-mail: lenisedutra@yahoo.com.br.

³ Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense, Especialista em Designer Instrucional para EAD Virtual pela Universidade Federal de Itajubá, Graduado em Sistemas de Informação pela Universidade do Estado de Minas Gerais – Coorientador. E-mail: maredumig@gmail.com.

social e rede social digital, observando, ainda, a importância das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na contemporaneidade e como os recursos virtuais auxiliam na propagação da aprendizagem e do conhecimento. Por fim, a terceira seção trata da verificação do fenômeno da criatividade lexical em língua portuguesa na rede social digital *facebook*. Aqui, mapeiam-se ocorrências de neologismos para após classificarem-se os episódios.

Para suporte às abordagens, utilizam-se as pesquisas de Alves (1990), Machado; Tijiboy (2005) e Azeredo (2010), entre outros.

Esta pesquisa tem como importância mostrar que é possível conectar uma área do conhecimento a outra na verificação de fenômenos linguísticos.

1 Neologia e neologismo: o fenômeno

A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. É uma fênix que renasce das próprias cinzas. É uma roseira que, quanto mais a gente vai podando, flores mais bonitas vai dando. (BAGNO, 1999, p. 144).

Há sempre mudanças em qualquer língua que esteja viva, por ser dinâmica. Assim, nenhuma língua possui comportamento estático, exceto as consideradas línguas mortas. Conforme apresenta Santos (2000), as línguas mortas são aquelas que não são empregadas como veículo comunicativo fonológico e gráfico; substituem as línguas vivas, às vezes, e identificam-se em escrituras bíblicas, documentações arqueológicas, produções literárias, fornecendo de base como objeto de investigação e documentação cuja fonte serve de substância. Como exemplo de línguas mortas, temos o Sânscrito, o Latim e o Grego.

As palavras não são engessadas e apresentam certa maleabilidade dentro do ato comunicativo, por isso, o estoque de vocábulos de todos os dialetos vivos se renova constantemente. Assim, a língua portuguesa como qualquer outra língua está em plena mutação em seu acervo lexical.

Devido à necessidade comunicativa e à escassez lexical, o usuário vê a carência de produzir novas palavras, ampliando assim o acervo lexical e satisfazendo às exigências impostas pelas cenas do cotidiano. Para tal afirmação,



Bagno (1999, p. 126) ressalta: “A língua é como um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta”.

Com o decorrer do tempo, algumas palavras entram em desuso e tornam-se “velhas”, dando lugar a novas. De acordo com Alves (1990), ao surgimento de novas nomenclaturas, atribui-se a noção de neologia. O objeto resultante recebe a definição de neologismo. Souto (2011) afirma que esse termo se origina por intermédio de uma estrutura híbrida do latim (*neo-novo*) e do grego (*logos-palavra*), formando-se usos criativos e inéditos.

A criação desses novos termos, além de ter relação com a vitalidade linguística e com a carência de mudança estrutural no esqueleto mórfico, tem relação com as variadas transformações que ocorrem a todo momento no tecido social, sejam elas de natureza econômica, política, técnica, científica, literária etc. Vale ressaltar que tais ocorrências, de acordo com Cameron (2012), são mais férteis em designações de objetos do dia a dia e em domínios especializados.

A respeito das ocorrências neológicas, surge a questão de poder econômico e prestígio social, como Bagno (1999, p. 72) aborda: “falar da língua é falar de política”. Assim, observa-se que a condição social também pode ser um dos fatores de cristalização neológica, já que o surgimento de uma nova palavra pode causar estranheza a uma determinada comunidade de falantes. Tal palavra pode ou não pertencer ao léxico da língua, tudo irá depender da postura social diante do novo elemento apresentado.

O fruto neológico – neologismo – pode ser formado por diversos processos encontrados na nossa língua. De acordo com Simon (2001), grosso modo, ele ocorre por:

- processos nativos, encontrados no interior dos próprios meios linguísticos fornecidos pelo idioma;
- formações por meio de onomatopeias ou, mesmo, sinestésias;
- estrangeirismos.

No que tange a ocorrências de criatividade lexical, podem destacar de forma geral as ocorrências formadas por estruturas que contenham mecanismos: prefixais, sufixais, palavras-valise, reduplicação ou redobro, formação de siglas, truncamento, empréstimo, decalque. (SIMON, 2001).



Por meio dos estudos realizados por Avvad (s.d.), as eventualidades neológicas são dadas pelos processos gramaticais de composição e derivação. Antes de tudo, é válido esclarecer a distinção entre esses dois mecanismos gramaticais. Para dar sustentação a esses dois fenômenos que ocorrem na língua portuguesa, Azeredo (2010, p. 79) informa que,

Por definição, uma palavra é formada por derivação quando provém de outra, dita primitiva (*jardineiro* deriva de *jardim*, *incapaz* deriva de *capaz*, *desfile* deriva de *desfilar*). Também por definição, uma palavra é formada por composição quando resulta da união de outras duas ou mais palavras, ditas simples. Por exemplo, *guarda-roupa*, *porco-espinho*, *azul-marinho*, *pé de moleque*, fotomontagem (formado de *foto(grafia)* + *montagem*), *motosserra* (formado de *moto(r)* + *serra*), *eletrodoméstico* (formado de *elétri(ico)* + *doméstico*).

Nos vocábulos cujo esqueleto mórfico prevalece o mecanismo da composição, ressalta-se o predomínio de ocorrências justapostas a formas aglutinadas; já nos termos cuja estrutura mórfica prevalece o mecanismo da derivação, aborda-se o predomínio de ocorrências sufixais e prefixais. A autora Avvad (s.d.) aponta as ocorrências neológicas em três pilares: neologismos vocabulares, semânticos e locucionais. O primeiro pilar é baseado em ocorrências cujos significantes ostentam caráter inédito. O segundo é fundamentado em circunstâncias cujos significantes já estão armazenados no estoque da língua, porém tais morfemas dão um novo significado à palavra. Por fim, a terceira espécie de construção é assentada em bases cujos significantes de forma fragmentada estão catalogados em dicionários, porém, quando juntos, possuem um teor significativo recente.

Além da autora supracitada apresentar os fenômenos neológicos por meio da definição representada anteriormente, Alves (1990) verifica a natureza da vitalidade lexical por meio de um prisma mais sustentável e expandido, classificando-os como: fonológicos, sintáticos, semânticos, por empréstimo, conversão ou derivação imprópria, bem como outros processos de caráter estrutural.

De acordo com Avvad (s.d.), o processo neológico classificado como fonológico é o resultado da criatividade de um significante inédito. Em contrapartida, os neologismos sintáticos são petrificados por meio da combinação de partículas já recorrentes na língua portuguesa. Por fim, os semânticos são aqueles que já têm

existência léxica, porém quando aplicados em determinadas circunstâncias ganham um significado novo.

Constata-se que “[...] o neologismo literário tende a nunca ser dicionarizado, opondo-se aos de meio de comunicação, que tendem a tornarem-se dicionarizados” (Avvad, s.d.). A criação neológica também é caracterizada pelo comportamento estilístico que apresenta, uma vez que pode marcar uma posição e causar efeitos intencionais – situações linguísticas que se fazem iminentes quando um vocábulo necessita ser usado por ausência de um específico. Contudo, pode haver contradições com as normas impostas pelos tratados gramaticais, pois o ramo estilístico permite a fuga gramatical: as mudanças de direções estilísticas são marcadas pelo recurso da expressividade. Cardoso (2004) evidencia que as unidades lexicais fazem parte de um conjunto aberto. Desse modo, vê-se que a língua passa por modificações. Essas mudanças refletem no comportamento vocabular.

Diante da criatividade lexical, como salienta Ferraz (2008), pode-se dizer que ela é considerada como tal apenas se não estiver catalogada em dicionários de língua, pois se trata de nomenclaturas com efeitos inéditos. Segundo Morato; Ferraz (2012), caso o vocábulo tenha sido dicionarizado e a comunidade de falantes tenha adotado tal palavra ao ato comunicativo, o léxico perde a ostentação de novidade e deixa de ser um processo de criatividade lexical.

Com as inúmeras mudanças que ocorrem no dia a dia, a língua portuguesa também está aberta a múltiplas recepções – palavras que se aclimatam no nosso idioma e passam a fazer parte do léxico. Estas acomodações linguísticas ocorrem principalmente no meio cultural. Por exemplo, conforme informa Alves (1990), há ocorrências de vocábulos de natureza francesa absorvidos pela língua portuguesa a partir do século XVIII, mas no século XX, mais precisamente na primeira metade, essas ocorrências tiveram maior fertilidade. Segundo a autora, atualmente o sistema linguístico tem acolhido, de forma frequente, vocábulos provindos da língua inglesa.

Conforme foi abordado, a criatividade lexical pode ser apresentada de diversas formas e ser fértil em qualquer setor onde haja comunicação. Ultimamente, um dos setores que vem ganhando força no que concerne à vitalidade lexical é o tecnológico.



2 Redes: social e digital

Na contemporaneidade, tudo se tornou mais prático e acessível: a forma de nos relacionarmos, efetuarmos pagamentos, fazermos transações, adquirirmos produtos de qualquer natureza, partilharmos identidades e semearmos o conhecimento. Com um clique, temos uma gama de informações de forma instantânea. Essas formas tecnológicas são possíveis graças à internet, que possibilita a navegação pela rede.

Assim como os vocábulos sofrem alterações, na sociedade verificam-se transformações tecnológicas e, por conseguinte, digitais a todo instante. Com a chegada do século XXI, encontra-se uma rede de setores tecnológicos mais amplos e modernos. Aparelhos tecnológicos ultrapassados passam a ser aprimorados e sofisticados. Essa instauração faz com que nasça um ambiente em que a troca de informações é feita de modo rápido e coletivo.

Nesta seção, procura-se abordar as redes social e digital, observando-se também as relações entre a rede social digital *facebook* e a aprendizagem.

Antes de tudo, vale ressaltar o que vem a ser rede. Para cada estudioso do ramo tecnológico e digital, encontra-se uma definição de rede e, para compreendermos melhor esta noção de redes, fazemos, aqui, um recorte daquilo que podemos instituir rede social e rede digital.

Inicialmente, usaremos Recuero (2004) para definir redes sociais. Para a autora, o estudo das redes iniciou-se nas ciências exatas por físicos e matemáticos. Após isso, a sociologia aclimata este estudo pautado na análise estrutural das redes sociais.

No entanto, para Franco (2009), a noção de rede social não implica relações numéricas, proporções, dados estatísticos ou quantidades, mas essa ideia propõe o vínculo entre humanos. Essas redes consistem nas organizações entre seres humanos. As maneiras como tais se instituem dão origem a essa sistematização chamada de rede social. Ele acrescenta também que a palavra rede vem tendo seu significado distorcido; para isso, Franco apresenta os termos rede de supermercados e Rede Globo para exemplificar tais distorções. Ainda, Franco disponibiliza três formas como uma rede social pode ser apresentada: centralizada, descentralizada e distribuída.

Quanto maior for a conectividade e o grau de distribuição de uma rede social, o mundo social vai ficando menor. Isso leva as pessoas a inovarem, assumirem protagonismos e acaba gerando desenvolvimento. (FRANCO, 2009).

Já para o filósofo francês Lévy, as redes sociais sempre estiveram presentes em nosso cotidiano: “Você não pode organizar um trabalho fora de uma rede social. Uma família é uma rede social. A sociedade humana é organizada assim”⁴. O autor fomenta que cada nó da rede social possui um caráter peculiar, e é essa rede distinguida que faz a chamada rede social.

Para Castells (1999, p. 48), “rede é um conjunto de nós interconectados”, o que significa entender que a atualidade exige uma transformação na maneira de organização social, e informa ainda que “[...] os processos de transformação social sintetizados no tipo ideal de sociedade em rede ultrapassam a esfera das relações sociais e técnicas de produção: afetam a cultura e o poder de forma profunda”. (Idem, 1999, p. 504).

As redes que reúnem pessoas de diversos lugares com interesses comuns – as chamadas redes de relacionamentos virtuais – são responsáveis por fomentar relações humanas por intermédio da tecnologia.

Machado; Tijiboy (2005) inferem que as redes de relacionamento virtual são um meio para tecer discursos e produções. Para elas, “as redes sociais podem contribuir para a mobilização dos saberes, o reconhecimento das diferentes identidades e a articulação dos pensamentos que compõem a coletividade”. As autoras informam ainda que “as redes sociais virtuais são canais de grande fluxo na circulação de informação, vínculos, valores e discursos sociais, que vêm ampliando, delimitando e mesclando territórios”. (MACHADO; TIJIBOY, 2005).

Alguns elementos tornam-se importantes para uma efetiva relação na comunidade virtual. Apontam, ainda, as pesquisadoras: “motivação, tempo disponível e envolvimento das pessoas em torno dessas discussões, permanência, domínio técnico mínimo para utilização dos recursos e estabelecimento de comunicação”. (Ibidem, 2005).

⁴ Palestra proferida por Pierre Lévy, no dia 13 de setembro de 2013, na Univates, sobre contemporaneidade.



Ainda, segundo as autoras supracitadas, a interação virtual tem sido aproveitada como meio de acontecimentos sociais culturais como a batalha pelos direitos humanos, feministas, ambientalistas entre outros.

No que se refere ao conhecimento e à aprendizagem, o avanço tecnológico traz suas contribuições. Coelho (2013) afirma que o cenário moderno possibilita ao indivíduo uma continuidade educativa para que tenha autonomia em suas pesquisas. Isso se torna um dos grandes desafios para a educação, uma vez que o setor tecnológico é um dos recursos para divulgação do conhecimento. E salienta:

O ensino, privilegiado pela modalidade de ensino a distância, tem exigido um olhar mais atento no que diz respeito às metodologias e aos mecanismos de ensino/aprendizagem. Na contemporaneidade, os professores devem estar preparados para entender as novas formas de interação social suscitadas pelas tecnologias digitais – novos espaços e metodologias diferenciadas no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades e competências. (Ibidem).

Dutra (2012) indica que a aprendizagem além da modalidade EaD pode ser feita por intermédio das redes sociais digitais – veremos seu conceito mais adiante. Observa-se:

O maior poder das redes sociais quando utilizadas na aprendizagem é a identificação imediata que os alunos têm com o processo e o sentimento de que a construção do conhecimento depende da contribuição de todos e de cada um deles e não apenas do professor. (Ibidem).

É de interesse o aluno aprender de forma inovadora, mas não ficar somente na posição de receptor absorvendo apenas o conhecimento (DUTRA, 2012). A autora clarifica que o discente também quer participar desse processo que impera a distribuição do conhecimento. Vê-se:

É fácil verificar que o aluno parece não querer mais, como entrega, o conhecimento sistematizado e estruturado; ao contrário, quer fazer parte deste processo de construção. O aluno não quer somente ler uma carta, quer escrever cartas que serão distribuídas pelo mundo através da rede. (Ibidem).



Tomando por base as informações contidas nesta seção, o mundo das redes virtuais constitui um caminho para a aprendizagem, seja aquela inserida em padrões formais – como ocorre no ensino a distância – seja na forma despreziosa de aprender, a que será observada no capítulo subsequente, que trata da criatividade lexical na rede social digital *facebook*.

3 Criação neológica na rede social digital *facebook*

Sabe-se que um neologismo, em sua maioria, é formado pela fusão de estruturas existentes na língua e, às vezes, absorvidas de outros idiomas. Em sua maior parte, conforme apresentado na primeira seção deste artigo, a criatividade lexical pode ser constituída por meio de quatro comportamentos: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Um neologismo pode também possuir uma estrutura mórfica inédita; todavia, normalmente, esses componentes que sustentam a criatividade lexical original são rejeitados facilmente, pois os falantes não os recebem muito bem por conta da estranheza que tais nomenclaturas surtem no ato linguístico. Dessa forma, dificilmente esses neologismos tendem a ser dicionarizados.

Ao verificar que a linguagem na criatividade lexical se estabelece na contramão da logicidade e/ou o efeito estilístico se impõe ao leitor para observação de que é na natureza da seleção para a produção de anomalias combinatórias que os procedimentos linguístico-expressivos transformam-se em instrumentos para a instauração de neologismos que permite o rompimento com o discurso referencial, constata-se que a palavra torna-se, cada vez mais, menos previsível. (DUTRA, 2004, p. 51).

Os estudos gramaticais dividem os processos de formação de vocábulos por intermédio dos fenômenos estruturais que os compõem. Existem dois tipos de processos formativos: os configurados por derivação e os por composição. Vale acrescentar que, além dos dois processos de formação vocabular, existem mecanismos cuja natureza é mais peculiar ao se fazer análise estrutural: sigla, amálgama lexical e processo metonímico, por exemplo.



Nesta seção, encontram-se as ocorrências de criatividade lexical localizadas na rede social digital *facebook*⁵, que tem mostrado ser um ambiente virtual de grandes possibilidades para o estudo aqui proposto.

Inicialmente, verificam-se os vocábulos cujas estruturas são configuradas por mecanismos de derivação. Infere-se que essa espécie de processo pode ser classificada, de acordo com os gramáticos, por seis formas: prefixação, sufixação, prefixação e sufixação, parassíntese, derivação regressiva e derivação imprópria/conversão.

Os vocábulos mapeados que pertencem a esse pilar foram: *colorídes*, *primarada*, *engenhagem* e *namorável* – ambos desenvolvidos por elementos sufixais. Encontramos os que provêm do fenômeno parassintético: *emputeecer* e *inamável*.

Já, os processos de composição são divididos em duas formas: composição por justaposição e por aglutinação. Verifica-se também um que passa pelo processo de composição por aglutinação: *twitenso*.

Como já citado, algumas construções são estruturadas através de elementos cujo caráter foge ao padrão dos vocábulos que ostentam a derivação e a composição como estruturas formadoras. Rastreamos: *GPS*, *calmomila*, *fanpage*, e tomar uma *gelada*, por exemplo, formados, respectivamente, por: sigla/abreviação, amálgama lexical, e pelo processo metonímico que é considerado por alguns estudiosos como elemento constituinte dos neologismos.

Vê-se, abaixo, cada vocábulo neológico com sua estrutura esmiuçada. Para dar sustentação a essas ocorrências, utilizam-se os seguintes gramáticos: Cunha; Cintra (2008) e Azeredo (2010).

O vocábulo *colorídes* é composto pelo morfema lexical *colorid-* e pelo sufixo *-ice*, que, de acordo com Cunha; Cintra (2008, p. 110), trata-se de um afixo formador de substantivos por meio de adjetivos. Esse tipo de derivação dos adjetivos para os substantivos, em sua grande parte, designam nomes abstratos, conferem qualidade, propriedade, estado ou modo de ser.

⁵ As ocorrências neológicas aqui registradas foram devidamente observadas e retiradas de *posts* encontrados no *facebook*. Por não estarem registradas no Dicionário do Aurélio Online – Dicionário da Língua Portuguesa, fonte utilizada para comprovação, foram classificadas como neologismos.



Por sua vez, o vocábulo *primarada* provém do mesmo processo formativo que o elemento acima; tendo, apenas, o mecanismo sufixal com outro valor semântico – constituído por morfema lexical *prim-* e sufixo *-ada*, que, conforme Azeredo (2010, p. 89), refere-se a um afixo responsável pela derivação de substantivos a partir de outros. Seu teor semântico baseia-se na quantidade ou ideia coletiva, tendo como base o elemento quantificado (*primos / primarada*).

Ainda, tem-se o vocábulo *engenhagem*, que contém o elemento mórfico-lexical *engenh-* e a desinência sufixal *-agem*. A ótica semântica desse sufixo provém do ato derivacional de um substantivo a partir de outro, e quer dizer quantidade ou ideia coletiva, tendo como base o espaço que a contém (*engenho / engenhagem*) (Ibidem).

Para terminar os elementos que provêm da derivação sufixal, temos o vocábulo *namorável*, cuja raiz *namor-* é atrelada ao sufixo *-vel*. Tal sufixo deriva adjetivos de verbos e expressa a passividade do ser a que o adjetivo se refere. (AZEREDO, 2010, p. 93).

A partir de agora, verificam-se outros dois vocábulos. O caso dos registros de *emputecer* e *inamável*.

Constituído pelo morfema lexical *-put-* mais o prefixo *em-* e o sufixo *-ec (er)* e, respectivamente, conforme para Cunha; Cintra (2008, p. 99) e Azeredo (2010, p. 94), significam: movimento para dentro e verbos derivados de adjetivos (*puto*).

O segundo elemento é constituído pelo morfema lexical *-am-* mais o prefixo *in-* e o sufixo *-vel* que para Cunha; Cintra (2008, p. 99/114), quer dizer movimento para dentro e possibilidade de praticar ou sofrer uma ação.

Em *twitenso* (*twitter + intenso*), registra-se vocábulo, cujo processo chamado de composição por aglutinação consiste na perda de elementos ao fundirem dois vocábulos ou mais em apenas um.

Nos registros de *GPS* e *fanpage*, observa-se a aclimatação de ocorrência de outro idioma, por intermédio de um processo responsável pela formação de vocábulos em língua portuguesa: *GPS*, vocábulo cuja gênese pertence à língua inglesa (*Global Positioning System*) – Sistema de Posicionamento Global. Sua estrutura norteia-se por meio de uma sigla. Para Azeredo (2010, p. 98), trata-se de “representação de um nome composto ou de uma expressão por meio de suas

unidades iniciais (fonemas, sílabas ou, até mesmo, os nomes das letras)”. O autor retrata esse elemento formador de vocábulos como: abreviação, siglagem ou acronímia. Com relação à *fanpage* (página de fãs), ele considera uma justaposição, embora se constitua por elementos de outros idiomas.

Em *calmomila*, registra-se o que se chama de amálgama lexical: um recurso “quase sempre com finalidade expressiva [...] encontra-se tanto no discurso literário como nos discursos humorístico-satíricos”. (Idem, p. 104).

Gelada – referindo-se à cerveja –, vocábulo formado por processo metonímico: “quando se dá a um significante já existente na língua um significado novo graças a uma relação de proximidade entre os conceitos associados [...]”. (AZEREDO, 2010, p. 101). Trata-se de um neologismo semântico, pois é a essência do significado que configura o vocábulo.

Dessa forma, observa-se que, para o dinamismo lexical, o vocábulo ultrapassa os limites da significação: a criatividade lexical para a invenção de outras palavras sugere um produto semântico. No dizer de DUTRA (2004, p. 54), “cada ocorrência revela suas marcas no que tange ao processo referencial de criação”.

Considerações finais

Esta pesquisa visou verificar, por meio de pesquisa bibliográfica e de rastreamento de ocorrências neológicas, como a rede social digital *facebook* pode ser uma ferramenta para a observação do fenômeno da criatividade lexical em língua portuguesa.

Observou-se, ainda, que a criatividade lexical tem uma fertilidade considerável em quaisquer setores em que haja comunicação, seja ela feita por via gráfica seja sonora. Todavia, neste trabalho, objetivou-se apenas na verificação destes fenômenos na rede social digital *facebook*. Pôde-se, ainda, examinar que as redes sociais digitais são instrumentos inovadores no que concerne à expansão do conhecimento e da aprendizagem. E mais: tais redes servem como ferramentas que dão sustentação ao docente em suas aulas, tornando-as mais estimulantes e de interesse.



Constatou-se que é possível divulgar o saber por intermédio das TICs, independente de qual seja a natureza do conteúdo em questão.

Sabe-se que é possível atrelar uma área do conhecimento a outra para a investigação de fenômenos da língua. Dessa forma, espera-se que este trabalho possa promover novas pesquisas no que se refere à utilização de ferramentas de comunicação digital para análises linguísticas.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

AVVAD, M. T. A produtividade lexical das colunas sociais. In: **VIII Fórum de Estudos Linguísticos**. Língua Portuguesa e Identidade: Marcas Culturais. INSTITUTO DE LETRAS (Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa), [s.d.], Disponível em <<http://www.filologia.org.br/viiiifelin/11.htm>>. Acesso em 10 ago. 2013.

AZEREDO, J. C. **Fundamentos de gramática do português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

CAMERON, H. F. Inovação lexical: novas finalidades, novas aplicações. In ALVES, J. E., BRITO, P., NUNES, J. e CORDEIRO, R. (Org.). **Atas do II Seminário de I&DT**. Consolidar o conhecimento, perspetivar o futuro. Coleção C3I, vol. 2, Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre, 2012, (CD-ROM). Disponível em <<http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2059/1/Inova%C3%A7%C3%A3o%20lexical...pdf>>. Acesso em 27 jul. 2013.

CARDOSO, E. A. **A criação neológica estilística**. Matraga (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 16, p. 105-118, 2004.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

COELHO, Marco Antonio Pereira. **Conexões para o conhecimento**: uma abordagem conectivista para o desenho instrucional das disciplinas semipresenciais dos cursos superiores das Faculdades Vale do Carangola. Dissertação de Mestrado em Cognição e Linguagem. Uenf, 2013.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DUTRA, Lenise Ribeiro. **O lirismo na crônica de Paulo Mendes Campos**. Dissertação de Mestrado. CES/ JF. 2004.



_____. Língua Portuguesa em cursos de graduação na modalidade à distância sob a perspectiva da Teoria do Conectivismo. Apresentação de trabalho no **V Seminário de Integração de Práticas Docentes/ II Colóquio Internacional de Práticas Pedagógicas e Integração. UFRR**. Roraima: Novembro de 2012.

FERRAZ, A. P. Neologismos no português brasileiro contemporâneo: aplicação ao ensino de português para estrangeiros. In: **Colóquio Diálogos com a Lusofonia, 2008**, Varsóvia. Akta Konferencji. Varsóvia: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego, 2008. p. 114-132.

FRANCO, A. **Rede Social**. 2011.

Disponível em <<http://escoladeredes.net/video/rede-social-augusto-de-franco>>. Acesso em 15 set. 2013.

LEVY, P. Palestra proferida no dia 13 de setembro de 2013, na Univates, sobre contemporaneidade.

MACHADO, J. R.; TIJIBOY, A. V. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. **Novas Tecnologias na Educação – CINTED-UFRGS**, V. 3 Nº 1, Maio 2005. Disponível em <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC0<QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.seer.ufrgs.br%2Frenote%2Farticle%2Fdownload%2F13798%2F7994&ei=HnmDUqCMMseKkAeX-oGQCQ&usq=AFQjCNEPwBiz365KVAXm7jMTcLcNSJcC9w&bvm=bv.56343320,d.eW0>>. Acesso em 07 set. 2013.

MORATO, R. M.; FERRAZ, A. P. Neologismos e desenvolvimento da competência lexical em querô: uma reportagem maldita. In: II Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa, 2012, Uberlândia. **Anais do SIELP**. Uberlândia: EDU, 2012. V. 2. Disponível em <http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/viiiengtlex/pdf/resumos_expandidos/Ruy%20M.%20A.%20Morato-Aderlande.pdf>. Acesso em 28 jul. 2013.

RECUERO, R. C. **Redes sociais na Internet**. 2004. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-redes-sociais-na-internet.pdf>>. Acesso em 15 set. 2013.

SANTOS, C. A. Língua + linguagem = comunicação. In: IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2000, Rio de Janeiro. **Anais da UERJ**. Rio de Janeiro: 2000. Disponível em <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ12_5.htm>. Acesso em 25 ago. 2013.

SIMON, M. L. M. Neologismos. In: Encontro Nacional com a Filologia, 2001, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNFL**. Rio de Janeiro: UERJ/ CiFEFiL, 2001. v. V. p. 73-80. Disponível em <http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ2_11.htm>. Acesso em 18 jul. 2013.

SOUTO, A. Campo Lexical e neologia: criatividade linguística em favor da argumentação. **Soletras (Uerj)**, v. Ano XI, p. 50-62, 2011. Disponível em <<http://www.yumpu.com/pt/document/view/12485849/campo-lexical-e-neologia-criatividade-linguistica-em-favor>>. Acesso em 27 jul. 2013.